



DA POBREZA E DA ORFANDADE SEM VERGONHA

Considerações sobre o Riobaldo, de “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa

Gilvan Fogel

“Pois somente isto também
não é, sequer à Divindade,
concedido: desfazer o feito”.

(Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VI, 2, 1139b)

1. De Riobaldo, personagem-mor de *Grande sertão: veredas*, disse o próprio Guimarães Rosa, em entrevista ao estudioso e crítico alemão de literatura sul-americana, Günther Lorenz: “... Riobaldo é algo assim como Raskolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa, e que entretanto precisa expiá-la”¹.

Vamos procurar entender o personagem referido e, então, um pouco do “espírito” da obra de Guimarães Rosa, a partir desta advertência, desta caracterização ou, se se quer, desta “definição” de Riobaldo.

É preciso começar perguntando: quem é Raskolnikov? Como, isto é, através de que, é Raskolnikov?

Trata-se do personagem central do romance *Culpa e expiação*, de F. Dostoievski. Ele comete um duplo homicídio,

aparentemente com o propósito de roubar, pois era um estudante pobre, mesmo impossibilitado de se sustentar, revoltado com esta sua situação de miséria e, então, resolve, com o aparente fito do roubo, matar uma velha usurária. Imprevisivelmente, acaba por matar também a irmã desta usurária, uma vez que tal irmã, inesperadamente, viria a se tornar testemunha do crime. O romance de Dostoievski é a estória, a trajetória, do remorso, do arrependimento, da confissão, da prisão, do julgamento, da condenação, enfim, da expiação e também da redenção, na e pela expiação, deste crime, desta “culpa”. A obra seria tão-só um tenso e emocionante capítulo, talvez inaugural, do “gênero policial”, se não se tratasse de uma das mais agudas e extraordinárias exposições metafísicas da situação, da condição ou da natureza humana. Trata-se aqui, em *Culpa e expiação*, como de resto em toda a obra de Dostoievski, de uma profunda e meticulosa reflexão, onde o que está em jogo é a constituição ontológica da Vida, o enraizamento e a fundação da Existência mesma e enquanto tal.

Da leitura de *Culpa e expiação* vai lentamente, de um fundo obscuro e amorfo, brotando o “caráter”, o “tipo psicológico”, que é Raskolnikov, de tal modo que a causa imediata do crime, a saber, o roubo provocado por sua condição de pobre, vai passando cada vez mais para um plano secundário, até desaparecer de nossa preocupação, desfazendo-se em nada. Mas o que emerge? O que vem à tona? O que se revela como a “causa” do crime? Como tal causa vai se desenhando, pouco a pouco, passo a passo, em lenta e caprichosa teia e tessitura, justo o “caráter”, o “tipo psicológico”, que é Raskolnikov.

O fundo desde onde vem crescendo e aparecendo *Culpa e expiação* e, então, desde onde se configura o caráter ou o “tipo” Raskolnikov, é o homem, a natureza humana ou, melhor, a Vida como um destino de Culpa – de culpa e de dor.

Mas, o que se entende por culpa?

Culpa (dívida, débito) fala da irrevogável situação humana de im-perfeição, quer dizer, fala do fato de ser o homem o

único ente que é sempre um por-fazer, sempre a necessidade de ser uma tarefa de auto-realização, pelo fato de jamais ser dado ou aparecer pronto, feito, acabado. O homem é sempre a necessidade de lançar-se numa ocupação, num quefazer, para completar o oco, que é sua vida; para “encher” o “buraco”, que é sua existência. Neste sentido, a vida humana é essencial ou constitutiva im-perfeição, in-completude – “deficiência”, “carência”, “pouco”, *pobreza*. Daí ser o homem, sempre, um destino, uma estória e, por isso, histórico. Ele é sempre sua própria destinação, sempre a destinação do seu “lugar”, através de seus afazeres, de suas fainas, de suas ocupações e lidas. Culpa é, irrevogavelmente, *seu lugar* e, *por isso*, a Vida é necessária e constitutivamente atividade, ação. Por precisar ser esta ação, esta atividade, revela-se ela também irrevogavelmente “pouca”, “pobre”. É mesmo a ação, a atividade do pouco, do pobre, do por-fazer. Vida é, então, em-si e por-si culpada – a saber, em dívida, em débito com ela própria, frente a ela mesma. E aí está a dor: a dor do esforço, a dor do por-fazer, que é imposta pela situação do pouco, do pobre. Vida é precisar fazer vida; Vida é irrevogável, incontornável esforço – “pena”, “trabalho”. Neste sentido, o homem precisará “expiar”, quer dizer, *cumprir ou realizar*, o pouco, o pobre, a culpa, que ele é. Neste sentido, ainda, “expiação” diz: necessidade de ocupação. Nesta direção precisa ser lido também o título da obra de Dostoievski, *Culpa e expiação*.

Esta culpa essencial – a situação ou o lugar (ontológico) do homem – como que brota, emerge, do incontornável ou do inconcebível (portanto, inapropriável, irrepresentável e, então, incontrolável) da Vida, da Existência, em sua própria raiz ou fundo. Ela vem, ela faz-se, ela dá-se súbita e imediatamente, de modo tal que, ao nos darmos conta, já estamos sempre jogados nela – feito jagunço! –, no “meio” dela. A Vida-pouca, a Vida-esforço, a Vida-por-e-quefazer é, então, o meio, o “meio” ou o *elemento*. Ela é o *lugar* da ação necessária, da destinação de ação e de esforço – portanto, o lugar ou o âmbito da

estória de dor. É, sim, o lugar, o único lugar possível, e então necessário, do homem.

Assim sendo, a “culpa”, quer dizer, a im-perfeição e a in-completude, não é o que particularmente marca Raskolnikov, definindo o seu caráter ou o seu tipo psicológico, mas, sim, ela é o constitutivo e o necessário – então, universal – da “natureza humana”, do modo de ser do homem, do qual Raskolnikov participa. Raskolnikov é também isto, a saber, necessária e essencialmente *culpa*.

O que define o caráter ou o tipo psicológico de Raskolnikov é o fato dele ser um rebelado contra a culpa, isto é, alguém que, à maneira do moderno tipo cartesiano – e isto Dostoiévski quer marcar e definir muito bem –, que é o homem da consciência e da vontade desde a autodeterminação de seu próprio querer ou arbítrio e desde a onipotência de seu poder de representação e de constituição, *decide se insurgir* contra esta situação ou este “factum” (a culpa) e, desde tal insurreição, se auto-investe do *direito* de corrigir e de reformar a Vida, a Existência. O tipo, a marca de Raskolnikov – o seu “caráter”, pois – é a sua *rebelião contra a culpa*. É deste modo que ele é tomado por *hybris*, ou seja, na tradição cristã de Dostoiévski, o pecado de orgulho, de presunção e é isto que, em crescimento de escalada e de exacerbação, evolui para voluntarismo e, em muitos outros personagens dostoiévskianos, volúpia, licenciosidade, luxúria. Isto é o fundo “niilista”, a saber, de poder de anulação, de destruição e de nadificação, por um lado, e, por outro lado e por isto mesmo, constitui o *demoníaco e o infernal* destes mesmos tipos ou personagens. É demônio e demoníaco (= mal) *porque é presunção, porque é hybris*, a saber, auto-investiçã de querer o que, por constituição, não *pode*, (isto é, não tem o direito de) querer, uma vez que, por constituição, não pode ser. Aí está a vontade do i-limitado. É tomado, “possuído” (daí o título de outra obra de Dostoiévski: *Os demônios* ou *Os possessos*) por este “demônio” (na verdade, é isto que é o demônio, o mal) ou determina-

do por esta *hybris*, que Raskolnikov mata, para provar, para mostrar ou exibir sua vontade, isto é, a sua revolta, a sua insubordinação – ainda na perspectiva dele, a sua “liberdade” e o seu “direito” de ser “acima”, “melhor” e “maior” que a própria Vida, que a própria Existência ou maior, melhor e mais forte que o próprio princípio de Vida, de Existência (o Divino, o Sagrado, “Deus”). Contra a constitutiva pobreza de Vida, Raskolnikov quer fazer refulgir o grandioso, o grandiloquente de seu poder: o monumentalismo, o gigantismo da sua vontade rebelada, do seu querer insurgido. É o “napoleonismo” e o “colombianismo”, seja de Raskolnikov, em *Culpa e expiação*, seja de Kirilov, em *Os demônios*, personagem que vai explicitar e radicalizar esta postura rebelada do homem, do “tipo” moderno.

A título de esboço e de proposta, sem ponderações e esclarecimentos, digamos que o que marca Raskolnikov, o que o define particularmente, é o fato dele não ter “inocência”, não ter “coração limpo” frente à culpa, isto é, seu tipo ou seu caráter é o da *má consciência na e da culpa*... Aí está seu inferno e seu demônio – o mal! Mas o que há, realmente, em tudo isto?...

2. “... Riobaldo é algo assim como Raskolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa, ...”

O “sem culpa” de Riobaldo não significa, não pode significar, que ele esteja *fora* (além ou aquém) da situação de limite, de in-completude e de im-perfeição do homem. Não. Isto ele não pode, pois isto é irremediável, necessário, uma vez que é incontornavelmente o *lugar* do homem. Que Riobaldo seja “sem culpa” significa, isto sim, que ele não é, tal como o “tipo” Raskolnikov, um insurgido, um rebelado contra a culpa (contra a im-perfeição, o limite, a “pobreza”, o esforço e a necessidade da ação) e, por isso, como Raskolnikov, *já desde hybris*, auto-investido do pleno ou do absoluto da própria consciência, que, exacerbada, é vontade e mesmo voluntarismo e, por isso,

nilismo, enquanto igualação e nivelamento, por sujeição e subsunção, de tudo a ela própria. Não, Riobaldo, ao contrário, porque não é *na e desde a* revolta (não é como o “tipo” moderno, “l’homme revolté”, que é o tipo fútil, pueril), ele é todo asentado, todo centrado na culpa – no limite, na im-perfeição, na in-completude. Ele é o “tipo” – também Riobaldo é “tipo”, isto é, estrutura, projeto, modo de ser e, assim, arché-tipo – da “boa consciência” na e da culpa. *Exatamente isto e só isto constitui a sua inocência*. Sua inocência (que não é ser fora da culpa, em recusa por insubordinação, revolta, auto-arbítrio) não é outra coisa senão a sua culpa *tomada sobre si*, assumida e, então, *não querendo, não podendo querer* nada que esteja para fora da possibilidade, que então se faz necessidade, de seu ser, de sua constituição ou essência. Riobaldo é o herói carregado do próprio destino, isto é, “cheio” da irremediável constituição de si mesmo, decidido a vir-a-ser o que pode e, então, o que *precisa* ser. Mas isto é o que define todo herói! Ele é o “tipo” da conquista da liberdade pela realização da necessidade, que é identidade e próprio, em trilhando o só caminho, que é o seu. Por isso, ele dirá cunhada, lapidarmente: “Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer” (p. 233)².

Ainda considerando a partir de Raskolnikov, Riobaldo é o Raskolnikov *redimido*, isto é, o Raskolnikov que nasce e renasce, e assim conquista e reconquista o lugar do homem, após, melhor, *durante e ao longo* da longa depuração e catar-se no remorso, no arrependimento – quer dizer, ao longo da expiação da *hybris* ou do atravessamento e, assim, exaurimento, que passa a ser a estória do serenamento da revolta, da ira, da sanha, da grima.

Dizíamos: Riobaldo sem culpa é como o Raskolnikov redimido. Este é o Raskolnikov que *ouve* Sônia – o personagem par com Raskolnikov, em *Culpa e expiação*, e que é o mais

simplesmente Terra, o mais serenamente limite, o mais asentado e mais suficientemente *pobre* na literatura dostoiévskiana – o Cristo, para Dostoiévski. É Sônia que, ao ouvir em confissão de Raskolnikov que este matou, lhe dirá: “Vá e grite para os quatro cantos que você ofendeu e maculou a Terra. Vá e tome a tua culpa sobre ti”. A estória da redenção de Raskolnikov é o tempo da escuta, da obediência, da maturação para a aquiescência a este mandamento de Sônia, que é o próprio mandamento, a própria voz da Terra, a saber, do pouco, do limite e, assim, da necessidade, do destino, da *lei*. Tudo isto, ainda, define e perfaz o Cristo, encarnado paradigmaticamente em Sônia (*Culpa e expiação*) e em Miskin (*O idiota*), como idiota...!!

Este caminho de redenção é o tempo da fragilização, do adoçamento do pleni-potente e amargo Raskolnikov. É neste “tempo”, é na *duração* do atravessamento deste deserto, como que vivendo o seu “Liso do Sussuarão”, que Raskolnikov vai ruir de Raskolnikov, vai desabar em si de si sobre si, até prostrar-se impotente e rendido sobre a Terra, aos pés de Sônia, e sentir que tudo que nele era dureza, convulsão e espasmo (a ação sanhosa de *hybris*, o desvario da revolta) se faz, de repente, doce e tenro. Neste “tempo”, na vigência deste “aion”, vai se evidenciando, vai se intensificando para Raskolnikov que ele “sempre queria *mais* que a Vida” (Terra, limite, necessidade) e, agora, desde a dissolução da ira, da sanha e da grima (a superestimação da consciência, que, assim hipertrofiada, é vontade e voluntarismo heroicista), desde o fazer-se doce e tenro do que era convulsão e espasmo – enfim, desde tal transmutação, começa “a entrar, em lugar da dialética, a Vida”. Dialética, tal como “lógica”, na linguagem de Dostoiévski, é um outro nome para falar da atividade desvairada da consciência insurgida, da ação de “l’homme revolté”.

O Riobaldo sem culpa é, portanto, o Raskolnikov redimido, isto é, não o que nega, renega, abandona a culpa, mas o que a assume, a toma sobre si como tomada sobre si do desti-

no do homem, que é destino, isto é, envio e estória, de pouco, de lida, de luta, de tarefa, de por- e quefazer – enfim, de andança pelo sertão, de *travessia*.

Mas como é realmente este “assumir a culpa”? Como é este “ser inocente na culpa e desde a culpa”? Como a “boa consciência” e a graça, a jovialidade na dívida, no débito – no “trabalho”? É isto que queremos acompanhar em Riobaldo. Mostrar, em alguns passos, como isto nasce, cresce, se faz corpo – pele, fluxo sanguíneo. Mostrar como isto é estória, Vida, vir-a-ser de possibilidade – “o beco para a liberdade se fazer”. Para tanto, vamos, juntos com o personagem, atravessar, primeiro, o São Francisco.

Tudo é, será sempre, “só a alegria de um pobre caminhozinho”.

3. Já se está há muito entrado na narrativa da obra, em pleno “redemunho”, quando nos é descrito o encontro de Riobaldo e Diadorim, então meninos, adolescentes, e a travessia que juntos fazem do rio São Francisco. Isto é como que o “começo” da estória. Começo? Como? É dito: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por quê, me devolvendo minha razão” (79).

Este “primeiro” não o é da ou na série dos ordinais, isto é, não é o primeiro no sentido que, precedendo ao segundo, ao terceiro e assim sucessivamente, se retrai, se afasta e se ausenta igual e indiferentemente do encadeamento dos fatos ou da tessitura da estória, eximindo-se e isentando-se de participação freqüente e insistente no enredo, no desenrolar dos acontecimentos. Não é, portanto, “primeiro” na ordem cronológica, na ordem de enumeração e contagem, de registro e de classificação do que é narrado, até porque e principalmente a narrativa é “misturada” – “misturada” justamente deste fato, chamado “o primeiro”.

“Primeiro”, aqui, quer dizer inaugurador, fundador e, neste sentido, *arcaico*, *originário*. O originário é o determinante. E determinante é aquilo que, ao longo de um movimento, de um percurso, insiste como o que persistentemente atravessa. É, portanto, o que per-faz, em per-sistindo, per-passando e, assim, perdurando. Ele, o originário, é o “tempo”, o “aion”, do devir de um possível acontecer. O “per”, acima escandido, fala do vigor ou da força de ser “ao longo de”. Assim, originário, ao contrário do mero início, que se abstém e se exime depois de, de fora, des-interessadamente, dar o piparote ou o arranque inicial, é o que está sempre se originando. Originário fala da insistência do originar-se de origem, do começar de começo. Originário é, portanto, o que insistentemente se re-pete, o que insistentemente *precisa* se repetir, isto é, se re-tomar. Assim, o acontecimento arcaico ou originário – o começo – é privilegiado, ele tem ou é um privilégio, quer dizer, uma lei própria: numa obra, isto é, ao longo de um movimento de perfacção, o acontecimento ou o fato originário é o que acontece em todo acontecer; é o que sub-fala em todo falado e mesmo a força do que se cala em tudo que aí é calado.

Assim, na verdade, toda obra, ou seja, *cada* uma, é perfacção e então perfeição de princípio, de *um* princípio, a saber, do *seu* ou da *sua* origem. A obra é sua origem própria brotando, nascendo e renascendo desde si, movendo-se a si própria – Vida. A insistência e a persistência do acontecimento “primeiro”.

Com toda propriedade, com toda precisão, é dito que foi um fato que, um dia, “se deu”, “se abriu”. E “de repente”, súbita e imediatamente – como o raio. Este dar-se e abrir-se indica, ao mesmo tempo, a *auto-nomia* e a *trans-cendência* do acontecimento, a saber, algo que vem, põe-se e impõe-se e que está para além do arbítrio, da vontade, do controle ou da decisão daquele para o qual tal fato, tal acontecimento se dá, se *abre*. Este é *tomado*, quer dizer, *determinado* por tal acontecimento. Abre-se e, com a mesma subitaneidade do seu abrir-se, põe-se e impõe-se inapelavelmente, com a evidência e a ir-

revogabilidade do absolutamente necessário. É um acontecimento que, pelo seu caráter de irrevogabilidade, posto pelo instantâneo, dá-se, abre-se ou desabrocha “feito coisa feita” (!!) – isto é, fato e, mais, “fatum”. Este “fatum”, que não é de coisa, mas de um *modo de ser*, que se faz poder-ser ou possibilidade, é, na sua mobilidade ou nas suas vicissitudes, *destino*, *estória*. *Grande sertão: veredas* é o destinar-se, portanto, o enviar-se e reenviar-se, a *estória* pois, deste acontecimento, que é como que a grande memória. Tudo é re-cordação e re-acontecimento diferenciado ou alterado dele. Em alguma hora da exposição, Riobaldo diz: “O São Francisco partiu minha vida em duas partes” (235). Na verdade, este “partir” é o instaurar, o emergir de Vida, de Existência, de “olhar”: *só há o a partir deste “partir”, deste brotar, deste emergir* – enfim, deste *natal, natalidade*. Antes – é nada. Antes, nem nada é. Antes, é o que não há. O acontecimento originário é, sempre, o lugar absoluto – o “âmbito”, a “circunscrição” plena.

Que o acontecimento a ser narrado – o encontro e a travessia conjunta – tem o caráter de originário é o que se verá, em continuando a leitura, a aventura, assim como voltando sobre o já lido, exposto, vivido. É assim que se “constatará” que este acontecimento é “começo”, “meio” e “fim” – ou seja, o que perfaz, em persistindo, perpassando, perdurando. Por isso o narrador fala: “Depois o senhor verá por quê (isto é, porque é o “primeiro” fato), me devolvendo minha razão”. Espera. “Ora et labora”.

4. Riobaldo, diz a narrativa, então com uns treze ou quatorze anos, estava no porto do “de-Janeiro”, um riacho, que meia légua abaixo desemboca no São Francisco, esmolando e, assim, pagando uma promessa feita por sua mãe, ou porque se curara ou para se curar de uma “grave enfermidade” (80 e 86). Lá estava ele, de sacola na mão, esmolando “até perfazer um tanto – metade para se pagar uma missa, em alguma igreja, metade para se pôr dentro de uma cabaça bem tapada e

breada, que se jogava no São Francisco, a fim de ir, Bahia abaixo, até esbarrar no Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa, que na beira do rio tudo pode” (80). E, é dito ainda: “Ora, lugar de tirar esmola era no porto” (80).

Qual seria a “grave enfermidade”, da qual ele deve se curar, esmolando? A estória nunca fala disso. Será importante? Talvez, não. Deixemos a pergunta. O fato é que lá está Riobaldo, no porto, esmolando. Porto é lugar de encontro. De encontro e de despedida. De chegada e de partida. É cruzamento, encruzilhada e, por tudo isto, lugar oportuno. Certo! Porto é porta, portal, pórtico. Um limiar. Aí está Riobaldo. Lugar de entrada e de saída: instância de passagem, também travessia. É lugar e hora oportunos sobretudo para quem se dispõe a receber, para quem, de mão e coração abertos e vazios, pobres, “esmolando”, se põe à espera neste lugar e tempo certos – o porto. Mas, qual será mesmo a doença de Riobaldo? ...

Foi assim que, lá pelo terceiro ou quarto dia, “de repente”, isto é, súbita, imediata ou abissamente, em sua mão estendida, aberta, vazia, cai-lhe uma esmola, uma prenda: um presente. É o próprio menino, é Dia-dorim, que é o que se dá e se faz através ou pela via do dom, da dádiva, do presente e, também por isso, inútil e gratuitamente. Sobra. Excesso, superabundância. Transcendência. Tudo isto é “dia-doréomai” – dado, distribuído, repartido, inútil e gratuitamente, a título de dom, presente. Daí Dia-dorim. Lê-se no texto: “Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele. ... e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes” (80).

Esta aparição encerra algo de encantador, de irresistivelmente atraente e que faz com que Riobaldo vá ao encontro. Esta aparição é mesmo subjugadora, coercitiva e Riobaldo,

rendido, subjugado, é levado ao encontro. Mas o que é isto que o toma e o leva ao encontro? Vamos, juntos com Riobaldo, olhar bem o quadro, olhá-lo limpidamente. Procurar vê-lo, tal como o próprio Riobaldo em alguma hora, pede ao “doutor” que o ouça: “desarmado”. Quer dizer: sem baço na vista.

O menino está encostado a uma árvore, descontraído, relaxado, largado. Há um encanto num certo solto, bambo. Exagerando esta nossa olhada, mas com isso tentando aguçá-la, vê-se que está só tocando, só tangendo a árvore, e assim, só tocando e tangendo, ele está tão abandonado a este encosto que não lhe sobra nenhum peso para lhe pesar na planta dos pés. Os pés também estão só tangendo a linha do chão. A sensação é de muita leveza, quase translucidez. Linhas claras, nítidas, ágeis. Isto encanta, fascina. A árvore é quase só uma haste emergida. Menino-árvore-chão – um perfeito equilíbrio destes três vetores no zero da resultante. O “quadro” é mesmo o “cheio”, o “redondo” deste zero.

O garoto está de chapéu. O chapéu, de aba baixada, caída, está posto, dir-se-ia, com medido descuido. Vai pitando um cigarro – provavelmente enrolado na palha de milho, com fumo picado e apertado no covo da mão – com graciosa seriedade, com despojada compostura. Um detalhe, um “ar” adulto que, junto com o chapéu, desequilibra equilibradamente o quadro e até o emoldura. Dá a ele uma gravidade cheia de graça, de leveza. E ele, o menino, não se mexe. Ele está, ele é parado. Ele como que jaz, ali, jogado. Abandonado. Leve, límpido, quase diáfano. Tudo isto encanta, atrai irresistivelmente. Como encanta e atrai, em olhar cheio de alegria, a risonha floração de um ipê. É isto mesmo que é o seu riso sereno e contido, pois ele ali está sorrindo – quase só rindo. É tudo superfície, tudo à tona – mas superfície contida, isto é, toda cheia da linha do profundo. Sim, é estranho: esta presença abandonada, este copo entornado, esta floração explodida – tudo isto é contido. Nada disso é completamente “derramado”. Esta superfície, este à tona, entrevê-se, é contido como que pela transparência

da pele de uma gota de orvalho, que, por isso, não se derrama. Não se vê uma gota de orvalho, se não se con-vê esta sua pele-parede translúcida.

Este menino, este acontecimento dá-se, abre-se, *cai* pela via do dom, através do presente, no aberto e no oco da mão e do coração de Riobaldo e aí se aconchega, aí se guarda: o encontro. O transcendente acontecimento, que é o encontro que toma, submete, coerce.

- 5. Riobaldo dirigiu-se ao menino e eles travaram conversa. O menino disse de onde vinha e o que fazia ali. Era de “um lugarim, chamado *Os-Porcós*” e estava acompanhando o tio, que viera até o porto para comprar arroz. A narração que se segue vai acentuando e detalhando o despojamento, a singeleza deste menino. Riobaldo conta: “Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível. Porque ele falava sem mudança, sem intenção, sem sobejo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido. *Escondido enrolei minha sacola*, aí tanto, mesmo em fé de promessa, *tive vergonha de estar esmolando*. Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com jeito de siso. Senti, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo” (81)³.

Este menino, em toda sua graça, em toda sua singeleza, aparece como *pouco, parco, pobre*. Mas, em sendo pouco, parco e pobre, se mostra com toda a força do bastante, do *suficiente*. Também nele encanta o fato de ele absolutamente não precisar mais do que tem, mais do que é. Ele é o assentamento do exposto nele mesmo, em todo seu próprio centro de gravidade – o que adiante será dito assim: “tudo nele era segurança

em si" (82). Este assentamento sereno no seu próprio centro de gravidade, sua "segurança em si", é propriamente seu *lugar*, sua "alma" – sua "vis motrix". Por isso ele se mostra todo sóbrio e em si – um cheio de si, que não é o do orgulho inchado, da presunção flácida, balofa, mas o cheio de si da altivez, do sobranceiro, sem afetação e sem comparação. E tudo isto no pouco, no parco, no pobre. Isto encanta, isto atrai e subjuga, tal como criança atrai e subjuga – só pela simples presença, sem nada, absolutamente nada fazer para tal.

É por isso que Riobaldo, "mesmo em fé de promessa", *escondido esconde* sua sacola, pois teve *vergonha* de estar esmolando. Vergonha é a noção decisiva para se entender o "Riobaldo sem culpa" ou, melhor, para se entender como Riobaldo é inocente *na e da* culpa. Esta inocência é ganha, é conquistada *através* da vergonha.

Acima grifamos "esconder", porque *envergonhar-se é esconder-se*. Vergonha é um "gesto", melhor, uma disposição do ânimo, que se faz ou se dá como, *sempre frente a um outro* (a uma alteridade), uma ação de recuo; como, sempre frente a um outro, um retraimento que, na retração, visa "instintivamente" (imediata e irrefletidamente) guardar ou proteger algo que, súbita e imediatamente, frente a um outro, veio à tona, mesmo às escâncaras e que, assim, de repente, é posto a nu – exposto, desprotegido.

É verdade, porém, que há vergonha e vergonha! Há esconder-se e esconder-se! Esclarecendo: há uma vergonha por má consciência, mesmo por falso pudor ou "pseudopudicitia" e há uma vergonha por genuíno, por autêntico *pudor*, que se constitui na própria força, na própria essência da Vida, ou seja, a medida e o lugar de tudo quanto é e há – o que os gregos chamaram "aidós", o *pudor sagrado*.

Riobaldo "escondido", isto é, envergonhado, esconde sua sacola, pois, frente ao menino, o seu "outro", evidencia-se para ele – e isto ele "sente" verticalmente – que não há motivo

para ver no pobre uma falta ou uma deficiência (isto é, algo que *não devia ser*), um *menos*, uma vez que ele, o menino, mesmo sendo pouco, parco, pobre, mostra-se e é altaneira e sobranceiramente *suficiente*. O menino é "forte", ainda que todo superfície, todo exposto, largado, abandonado, "pele" – enfim, todo frágil.

Ao esconder a sacola e, "mesmo em fé de promessa", envergonhar-se de estar esmolando, por um lado, detecta-se que ele tinha ou tem uma espécie de má consciência na e da pobreza, a saber, que ele via, através de um sentimento escondido e sufocado, no esmolando, isto é, na pobreza, um pedido para completar uma deficiência, uma espécie de lamento, lamúria e amuo em relação ao pouco – *que não devia ser*. Por outro lado e ao mesmo tempo, porém, em se envergonhando, isto é, em se retraindo disto e frente a isto, ele começa como que a "encher-se" do pouco, do parco, do pobre – ele ganha ou recupera inocência na culpa (pobreza). Não que ele deixe de ser pouco e pobre, mas ele, coagido pela presença excessiva, sobranceira do menino, simplesmente começa a deixar de ver no pouco e no pobre um "menos", "um menor", um "sub" (daí um lamento, uma censura e mesmo uma acusação) em relação a algum pretense pré- e pro-posto (desde *fora* da Vida) "mais", "maior", "supra". O pouco, o pobre, começa a mostrar-se para Riobaldo, não é motivo de "vergonha", isto é, de opróbrio, de ignomínia, de constrangimento e de depreciação – tudo isto incluído no sentimento, escondido ou sufocado, de censura, de lamento, de amuo e de acusação em relação ao pouco e pobre. Ao contrário, Riobaldo começa como que a alegrar-se do pouco, do pobre, *no* pouco, *no* pobre e até por causa (graças ao) do pouco e do pobre, que se mostram como a força da suficiência. A beleza do jogado, da pura presença. *Ele fica pobre sem vergonha!* Isto é, ele fica "cheio", rico de sua pobreza, de coração cheio da alegria deste vazio, deste pouco, que, então, é bastante, suficiência – Terra e lugar próprios. E: do que está cheio o coração, fala a boca. Assim, com este coração, cheio deste

“pathos”, deste humor – a alegria, que é o vau do mundo! – é que ele, a convite do menino, vai passear de barco.

6. É contado que o menino comprou um naco de queijo e um de rapadura e disse que ia passear de canoa. Ele convida Riobaldo. Era tal a simplicidade dele, “desmentindo tanto a pressa”, diz Riobaldo, “que a gente só podia responder que sim” (81). O menino, dando-lhe a mão, o ajudou a descer o barranco da beira do rio. Riobaldo tem medo, pois ele não sabe nadar, mas os olhos daquele menino “luziam um tal efeito de calma”, que ele, ainda assim, com medo, vai e “entra na canoa de pinto em ovo” (81). É insistentemente enfatizado o caráter de *calma* do menino, isto é, o caráter de assentamento, de serenidade, sem o desassossego da pressa, do afã, da sanha – enfim, aquele “tudo nele era segurança em si”. Trata-se do sereno assentamento *do e no* limite, isto é, *do e no* pouco, parco, pobre. O menino senta-se diante dele e eles vão assim, frente a frente, cara a cara. Isto, parece, irradiava e instilava coragem, ânimo em Riobaldo. E ele foi indo, não pensava em nada – indo só no abandono desta calma e deste desmentido de pressa, que é a força e a irradiância do menino. Vai indo no cadenciado deste abandono, que dá a sensação da certeza do vago. Com efeito, diz Riobaldo, meio maravilhado do ir deste abandono e nele sendo todo consentimento e assentimento: “eu estava indo a meu esmo” (81).

E assim indo e assim sendo, rompe-se a casca do ovo. Vai acontecendo desabrochamento, nascimento, “natura”. O menino, isto é, o próprio esmo, o ir e errar em abandono, aponta, acena, e tudo vai rebentando, eclodindo, fazendo-se visível – falável, nomeável. A margem do rio faz-se festa, riso de floração – brotação, irrupção, emergência. As flores! Os pássaros! As cores súbitas! O sussurro dos ruídos falantes! A música do aparecer, das cores! A policromia dos sons, dos cantos! *De repente*, tudo é só fenda, rachadura, por onde se insinua uma grande exclamação. Não há pergunta. Não cabe, não é hora.

Tudo acorda, salta, saltita – como o despertar de uma corda, como o abrir-se de um coração, isto é, um ritmo, um pulso, um “tempo”. A narrativa é simples e extraordinária: “... o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses – em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – ‘As flores...’ – ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo – tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambu? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? Um papagaio vermelho: – ‘arara for?’ – ele me disse. E – *quê-quê-quê?* – o araçari perguntava” (82). É aurora, a grande aurora, que é *Grande sertão: veredas*. Festa. Epifania. Parousia. Desabrochamento. Vida.

7. Assim vão eles, descendo o de-Janeiro, até chegarem ao São Francisco. Lê-se: “... é de repente, aquela terrível água de largura: imensidade. Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande. Até pelo mudar. A feiúra com que o São Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só” (82).

Mais uma vez, é acentuada a dimensão do súbito, do imediato, ao dizer: “é de repente” e “sem espera”. Rio é um eterno símbolo da Vida. Mesmo uma conjugação de eternidade – da corrente, do fluxo da Vida. Eternamente, quer dizer, a simpiternidade da Vida como o único âmbito possível, como o lugar do tempo, enquanto e como temporalidade. Inesperada, abruptamente entrar “no corpo dum rio grande”, entrar subitamente na Vida, que é o *único* modo de acesso a ela, é mesmo

um puxão! Um medonho puxão, o deparar-se com fluxo, corrente, vida-morte, renovação, também o sucumbir; fertilidade, possibilidade, também a decadência; enfim, a imensidade e a amplidão, que é o aberto do poder-ser. Por isso, “a feiúra com que o São Francisco puxa, se moendo todô barrento vermelho”. A imagem é de uma grande, de uma imensa víbora traiçoeira – a “serpente vita”. Moagem, voragem, vertigem, vórtice... Mas, será isso mesmo?! ... Não apressemos. Deixemos Riobaldo ser atravessado pela sua experiência, pela sua travessia – deixemo-lo encher-se todo do seu próprio caminho.

Ao assim deparar-se com o rio, ele, “ansiado”, pede: “Daqui vamos voltar?” E o menino, sempre sereno, com aquele assentamento do limite e da contenção, todo irradiância de serenidade e de calma, simplesmente responde: “Para quê?” E a canoa, de mansinho, vai entrando “no do-Chico”. Riobaldo, no balanço incerto do barco, chega a dar um grito e o menino, meigo, diz: “Foi nada não... carece de ter coragem... fique sentado”. E, por fim, com voz firme e decidida, ordenou ao canoeiro: “Atravessa!” (82-83).

E Riobaldo continua contando: “Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. (...) Não pensei em nada. Eu tinha o medo imediato” (83).

Riobaldo tem medo – o rio-Vida é uma imensidade, mesmo todo só imensidão no todo aberto de seu poder-ser, no seu só repertório de possibilidades. Sim, aberto, imensidade, imensidão, confins. E ele, Riobaldo, tão “pequeno”, tão “pouco” – tão “fraco”. Como ir “até o outro lado?” Como atravessar? Isto é: como viver? No rio-Vida, o que é “o outro lado”? Será o viver, o existir mesmo?! Como?!

Riobaldo tem medo. *Medo e vergonha*. Vergonha, talvez, frente ao fato que “precisava” e “devia” ser *maior, mais, mais*

forte; vergonha, talvez, por evidenciar-se que ele é “menos” forte do que “precisava” e “devia” ser... E o rio, a Vida, leva, puxa, arrasta – é um roldão. Uma moagem – voragem. Parece; ela *quer* isto. E ele – isto, parece, lhe é martelado e verrumado – tão “pouco”, tão “fraco”, tão “pobre”... E o medo é o imediato – isto quer dizer: não é especificamente por isto ou por aquilo, particularmente por este ou por aquele acontecimento, mas direta e imediatamente pelo rio enquanto tal, pela Vida e pelo viver “no geral”, tão pronto e tão logo ao deparar-se súbita e imediatamente com este fato, com este acontecimento irrevogável e incontornável – o abrir-se de rio, de Vida, de imensidade e de fraqueza, de fragilidade e de impotência (culpa, deficiência, carência) frente a tudo, tão grande, tão forte, tão poderoso... Sim, há mesmo é que cravar dedos e mãos, pés e todo o corpo, no pau da canoa – na própria e na de cada um – e não pensar em nada... Isto é, agarrar-se a si, que é o só que há de “estável” e assim entrar, afundar no próprio, que é ainda o só que há nesta imensidão, neste aberto e, deste modo, ir, talvez na necessidade do esmo... Abandonar-se a esta corrente. Fincar-se nela, talvez...

A narrativa diz: “Alto rio, fechei os olhos” (83). Este “fechar os olhos” quer dizer: concentrar-se, recolher-se todo no rio (não em si!), como que todo à escuta e ausculta dele. Assim, ele deixa-se ser todo tomado pelo rio. Antes já foi dito que ele, então, “não pensava em nada”. Não se trata de “pensar”, isto é, trazer “idéias”, “representações” de *fora*, acréscimos estranhos, enfim, “teorizar”, mas... Mas o quê? Todo concentrado e recolhido à escuta do rio, trata-se de *suportar*, *agüentar* e, assim, *atravessar* o rio – atravessar por tres-e-per-passamento. Sim, não “pensar”, mas *agüentar*, *suportar*. Isto é também uma travessia – talvez, a travessia. Por outro lado, não será isto propriamente pensar?! É por esta via, a saber, concentrando-se maximamente à escuta do rio, jamais se distraíndo dele e, então, deste modo, agüentando-o ou suportando-o até o limite, que se revela o *sentido próprio de rio* – o

sentido-Vida. E a revelação do sentido mais próprio do que quer que seja, sempre pela via do recolhimento na escuta, a saber, perpassando-suportando, isto é uma grande travessia, um grande ultrapassamento, um autêntico trans-cender. E o que se revela a Riobaldo, quando ele se põe todo à escuta?

Vejamos o desfecho deste episódio, pois ele já se encaminha para o fim. Frente à incerteza, à insegurança, mesmo ao medo quase pavor de Riobaldo, o menino fala: “Carece de ter coragem” (83). Doendo, Riobaldo retruca: “Eu não sei nadar...” (83). E é como se dissesse: eu não sei viver, isto é, não tenho forças para, desde mim e por mim, ser, existir! O menino, sempre assentado, “sereno, sereno”, contradiz: “Eu também não sei!” Atrai e encanta, sempre, o despojamento, a disposição serena de lançar-se no rio, no viver, até e principalmente porque, será dito algures, “o aprender a viver é que é o viver mesmo”. Quer dizer, viver é ser sempre já no “meio” do viver, do remoer; sempre já e só jogado no fazer, no ir e no vir, no “meio” do agir e da lida, a saber, sempre já no *elemento*, que é o próprio viver: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (52). E Riobaldo vai e confessa: “O que até hoje, minha vida, avistei de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia” (83). O “de maior”, isto é, o mais intenso, o de maior poder de revelação, o de maior força de determinação, o mais *capaz de* e mesmo o decisivo na cunhagem de destino, foi “aquele rio, daquele dia”, quer dizer, *este rio desta hora, deste instante*, que é a hora e o tempo da *experiência* (“Pathos”) emergente dele (rio) próprio. E o que revela este instante? Qual o verdadeiro, o autêntico sentido-rio? ... Esperemos. Deixemos o rio inchar, encher-se todo...

A travessia vai se consumando. O menino constata e fala a Riobaldo: “Você também é animoso”. E Riobaldo, na iminência de consumação da travessia, como que tendo o rio já atrás de si, acima de si e dentro de si, desde aquele recolhimento e escuta, conclui, meio encantado, meio maravilhado, todo cheio

de si e de sopesada alegria: “Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade” (84). Por fim, em meio a um canto, a modo de copla, do canoeiro, que é gente barranqueira, conclui, desfecha, culmina: “Aí, o desejado, arribamos na outra beira, a de lá” (84). Outra beira? Outra margem? Na travessia da Vida, onde é, onde há a outra beira, a outra margem, a de lá? Enfim, o que é e como é tudo isto?

8. Vamos voltar sobre a narrativa, que até agora foi quase que só reproduzida, com um ou outro aceno, intercalado aqui ou ali, de direção ou de caminho de interpretação. Tais acenos, porém, foram decisivos, pois à pontuação ou marcação deles é que agora recorreremos, fazendo deles nossas pegadas – nessa nossa travessia, são eles nossa canoa e, por isso, neles já estamos de dedos e mãos apertados, fincados, cravados.

Recordemos a consideração feita acima, ao comentarmos aquele “alto rio fechei os olhos” e aquele “não pensei em nada”. Então dissemos: Riobaldo concentra-se, recolhe-se todo à escuta e ausculta do rio, do rio-Vida. E assim, nesta escuta, que é deixar-se ser atravessado e perpassado, que se revela a força, a essência, o sentido-rio. Em se revelando sentido, revela-se o “de onde” e o “para onde” em que se está lançado, isto é, mostra-se ou patentiza-se força de proveniência e de projeção, o que define um modo de ser marcado pela evidência de um *envio de* e de um *envio para*, modo de ser este que se pode denominar *destinação*. Assim sendo, desde e como recolhimento e escuta, qual o sentido, qual o modo de ser, qual a *destinação* de “rio”, isto é, de Vida, de Existência, que se revela para Riobaldo?

Trata-se de algo extremamente simples: *rio* – Vida, Existência – *não quer nada*. Melhor ainda: *o rio* (ou a Vida, ou a Existência) *nem quer e nem não quer nada*. *Rio*, pura e simplesmente, *é*. *Rio* – a correnteza, o fluxo – *é tão só o exposto, o jogado*. *Rio* – Vida, Existência – jaz. Jaz inutilmente. É a pura

gratuidade do exposto, do jogado – *desde nada, para nada; de nenhum lugar, para nenhum lugar*. A pura gratuidade – *sem porquê, sem para quê*. A absoluta, a radical, a inteira inutilidade. Dom. Dádiva. Presente. “Dia-doréomai” – Diadorim.

9. O concentrar-se, o recolher-se, o suportar o rio, em sendo por ele todo atravessado e perpassado – isto é, o pensá-lo, fazendo-se corpo com o corpo dele – revela que rio não puxa, nem se mói todo, feito traçoieira víbora, ou seja, ele (ela, a Vida) não quer destruir (e nem não-destruir!), esmagar ou mesmo ameaçar, ser mais forte, submeter, mas revela, sim, que ele é só o puro e sereno jazer da corrente de nada e para nada. É mesmo só isto: a serenidade e a placidez da corrente que é, que jaz. Este é seu sentido, sua destinação.

Riobaldo, que não é ninguém, mas só o homem, todo o homem (aqui ele se faz tipo e arché-tipo!) é só um passageiro nesta viagem, só um colhido e tomado por esta destinação de nada, para nada. Mais do que nunca, ele é o cheio, o pleno do seu próprio nome, que se faz plenitude de ser: Rio-baldo – o rio inútil, o rio em vão, a corrente sem porquê, sem para quê, só rio – “rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio”⁴. Este destino à toa, este nenhum destinar-se, mas só vagar ao sabor do esmo, o ir a seu esmo – só isto é o próprio destino, o próprio porto, a própria margem. Sim, esta a “terceira margem do rio”...

Ganhar isto, conquistar esta dimensão ou este modo de ser – este “lado” da Vida – constitui propriamente a travessia, ou seja, o outro lado, a outra margem. Aí a “meta”, o cheio, o pleno. É como se se revelasse aí o fundo do sem-fundo, do abismo; é como se se mostrasse que o mundo aí “dá pé” e isto é uma alegria, uma grande alegria. Então, sim, é dito: “O vau do mundo é a alegria” (237). A alegria do pouco, do parco, da inutilidade – *a alegria da ação inútil*, que é a *necessária*, a que precisa ser, mas não tendo nada, nenhum sentido, fora ou além dela própria. Não há recompensa. É isto a luta, a labuta, o errar e vadi-

ar pelo sertão, ou seja, no seio, no “meio” da Vida. Ilumina-se, faz-se claridade, e ele pode e precisa dizer: “amanheci minha aurora”. Do que está cheio o coração, fala a boca...

E Riobaldo, desde esta e nesta revelação, aquiesce, confessa: “Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade”. Quer dizer, “agora”, isto é, desde esta outra margem, ele também “tem” vergonha – mas uma de *outra qualidade*. Trata-se de uma espécie de “segunda” vergonha, isto é, não mais aquela que ia junto com o medo (“Eu tive medo e vergonha”), ao entrar no São Francisco, mas esta, agora, da mesma ordem ou da mesma natureza (qualidade!) daquela outra, quando escondeu sua sacola, com vergonha de estar esmolando. Agora, diz Riobaldo, tem uma vergonha “de outra qualidade”. Que *outra qualidade* é esta? Trata-se, já dissemos, de uma outra ordem, de uma outra natureza – melhor, talvez da mesma ordem ou da mesma natureza, mas de procedência ou de sentido diferente, inverso... *E Riobaldo, aqui, agora, conquista a sua “inocência”*. Como? *Ele, agora, tem vergonha da vergonha que anteriormente, ao entrar no rio, teve*. Quer dizer, agora, desde a revelação e a evidência de que rio não quer nada, de que o rio não quer ser *mais forte* e que não quer *ameaçar, sufocar, destruir, matar* – agora, então, ele se envergonha, se “vexa”, da vergonha que teve de ser “fraco”, de ser “pouco”, de ser “menos forte” do que “devia” e “precisava” ser...

Desde onde vinha tal imperativo, tal reclamação ou reivindicação? ... *Não, não era preciso!* Era “demais” tanto querer e tanto precisar... Nem precisava! Aqui, agora, dissemos, Riobaldo ganha sua inocência. Inocência não é desfazer-se da “culpa”, isto é, não é desvencilhar-se e jogar fora o “pouco”, o “fraco”, o “parco”, o “pobre” – quer dizer o “débito”, *que põe a necessidade de vir-a-ser, de ação*, de luta, da labuta, da “guerra, que é o sertão”. Inocência não é livrar-se disso, mas, ao contrário, ser “nisso” e assim, tomando sobre si como necessidade e destino inúteis este modo de ser, que é, então, como o enviar-se de rio – inutilmente, gratuitamente, com a alegria e

o despojamento de quem ou do que nada quer, nada precisa querer ou ser para *fora* ou para *além* (ou aquém!) deste puro zazer desde nada e para nada... Inocência é, sendo *na, desde e como* culpa (necessidade de vir-a-ser, agir), não ser tomado de má consciência (que é sempre um “mau” saber de começo), isto é, de revolta e de insurreição contra o acontecimento arcaico e incontornável e insuperável – revolta esta que já é *hybris*, orgulho, o “mal”, o demoníaco... Na verdade, é esta a “doença”, a “grave doença”, da qual Riobaldo precisava se curar quando, por promessa da mãe, foi esmolar no porto. Grave, gravíssima e fatal enfermidade, que desde e como rebelião, já põe o *direito* e a *positividade* da *hybris*, da presunção, da sanha... O mal, o demoníaco. Sim, “mais do que o incêndio, é a *hybris* que precisa ser apagada”. E ainda: “Pois somente isto também não é, sequer à Divindade, concedido: desfazer o feito”.

Mas Riobaldo, dissemos, conquista a saúde da inocência, quer dizer, com o coração cheio da alegria do pouco, cheio do suficiente do parco e da riqueza do pobre ele vive e é assim, aí, jogado, inutilmente jogado. Ele é o jagunço, vida de jagunço...! Jagunço é o arremessado, o jogado, como a azagaia...

10. Na seqüência imediata à narrativa deste episódio da travessia do São Francisco, ficamos sabendo que a mãe de Riobaldo, “a Bigri”, logo morreu. Desde a morte e a dor, no luto, ele confessa: “Amanheci mais” (87). Este “mais” é dito em conexão com aquele “Amanheci minha aurora”, que foi pronunciado ao chegar ao outro lado, na travessia. Fez-se mais luz, iluminou-se mais caminho, necessidade, destino. Necessidade, destino de partir... partir... Fazer caminho. E a narração fala: “De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e mi-

nha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco” (87).

É comovente a singeleza, a candura da suficiência deste pouco, deste pobre – desta “miséria quase inocente”, como ele diz. É um pobre, um pouco, realmente inocente, porque cheio de suficiência e, por isso, alegre, afável, sem nenhum amargor, sem nenhum ranço de lamentação, acusação e amuo por causa do pouco, como se ele fosse “menos” do que *devia* ser...

É assim, *órfão* e cheio deste pouco, que ele parte. Parte para a fazenda do “padrinho” Selorico Mendes. Mas logo, em se evidenciando que Selorico Mendes, na verdade, era seu pai (95), ele, de novo, parte. Riobaldo está praticamente pronto para a vida de partida... Partida... Partida... Vida de jagunço – o jogado. Antes, em alguma hora, ele já declarou: “Toda minha vida gostei demais de estrangeiro” (90). E agora, ao precisar partir da casa de Selorico Mendes, o pai, o faz pela exigência do estranho, por reclamação de estrangeiro: “Aquela hora eu queria só gente estranha, muito estrangeira, estrangeira inteira!” (96). Desde a hora da travessia do São Francisco, desde a evidência do rio baldado, da corrente vã; desde a inutilidade e o sem-querer do fluxo, isto é, o sem “fim” e sem “meta” para *fora* da própria corrente – desde aí e desde então *o estranho é o seu lugar, a sua casa, seu lar, sua pátria*. Aí, no estranho, ele erra e vadia com a alegria e a satisfação do “em casa”, do lar, da pátria. Assim, errar e vadiar é o seu destino, sua vida de jagunço.

Ele parte da casa de Selorico Mendes e vai para junto de mestre Lucas, seu outrora professor. Aí, mais uma vez, vai partir, partir para ser professor de um certo fazendeiro – será Zé Bebelo – e o seu destino de jagunço vai se apertando, se concentrando, se definindo cada vez mais. Sempre portando altiva, nobre e emblematicamente a superabundância do pouco, do pobre, ele vai apresentar-se como “o moço professor” e o saber, do qual ele vai “cheio” e sobranceiro, fazendo dele “professor”,

é: “geografia, aritmética, cartilha e gramática” (99). Lembramos outro vate sertanejo, que disse: “Pouco saber e muita jovialidade é o que nos foi legado”. Ao lado de Cervantes, Goethe, Dostoiévski, também Hölderlin nasceu no sertão...

Riobaldo é alegre do pouco saber, mesmo do nenhum saber do começo, do princípio. Afinal, “Quem sabe a letra da música do galo?!” Ganhando a inocência do rio, o nenhum-querer-para-fora-e-para-além e o nenhum-saber como a própria destinação de Vida, ele aquiesce na necessidade da orfandade. Isto é, seu destino, sua destinação, conquistada desde a escuta do rio, é de ser só, é de solidão, que é o que diz a orfandade, em falando do sentimento, da experiência do oco, do vazio – o sem-culpa do sem-atrás. Mais uma vez, este sem-atrás, sem “causa”, isto é, sem responsável, sem princípio ou sem razão de ser fora ou além da circunscrição do próprio existir – mais uma vez, é isto sua alegria, seu aquiescimento, sua jovialidade e graça. Escutamos dele: “Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecimento e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões... Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas” (35).

Solidão, pobreza, orfandade – e a alegria, a satisfação desta necessidade. “Sem vergonha, por ser de escuro nascimento”, isto é, sem má consciência, sem remorso, sem impulso de correção e de reforma; sem afã de insurreição e de revolta contra o que se abre, incontornável e incontrolavelmente (= escuro nascimento), como o necessário e, por isso, como dom, transbordamento, superabundância. Rio-baldo, Dia-dorim... O sertão, o aberto e o jogado da Vida, dá “legalidade”, funda e “legítima” a orfandade, a gratuidade do sem-causa; dá saber e sabor, “conhecimento”, à inocência do devir – a “gaia scienza”, que é o saber do não-saber e o não-saber do saber. Só o necessário e lúdico, então inútil, “giro-o-giro no vago dos gerais”, sem a impetuosidade da volta, do retorno infindo ao fundo e pro-fundo, pois ainda alegremente sabe: “Para trás, não há

paz” (35). Para trás, sempre para o fundo e o pro-fundo – isto seria in-finito, i-limitado, *hybris*. Realmente: “Para trás, não há paz!” Rebeldia e ingratidão... Sanha, grima...

Com o rio atrás de si, diante de si, sobre si e além de si – todo atravessado e perpassado da própria travessia (revelação e conquista da força e do poder de transcendência do dom da Vida) e, assim e por isso, com a alegria e a “legitimidade” da orfandade, Riobaldo está pronto, inteiro, inteiriço e inteirigado – per-feito de Vida. Por isso, em hora cheia e decisiva, ele diz: “Mas, aí, eu fiquei inteiriço. Com a dureza de querer, que esprenhi de minha sustância vexada, fui sendo outro – eu mesmo senti: eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências” (155).

A “dureza de querer” fala da têmpera da Vida desde o aquiescimento na necessidade do limite, da pobreza – desde aí ele quer, ele diz *sim* necessariamente ao homem, isto é, ao jagunço, ao jogado, – “sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências”. Quer dizer, na alegria do escuro nascimento, da orfandade, do insondável e do irresponsável do fundo, na necessária ação inútil do viver (o giro-o-giro no vago dos gerais!) – fazer vida, aprender a viver, que é o viver mesmo. “Homem anda como anta: viver vida. Anta é o bicho mais boçal” (423). ... “Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero homem jagunço” (432). De novo, “vero homem jagunço” diz: o necessário destino de vida, a necessária constituição de existência: inocência, inutilidade – a necessidade do esmo, o em-vão, a graça e a doação do próprio rio-baldo, que, enquanto o modo de ser de Vida, é o que se faz como dom, através do dom... Diadorim.

“Dureza de querer” – é isto que é preciso na grande hora da Vida: na hora, no tempo do deserto.

11. E vai Riobaldo para mais uma travessia. Mais uma – e sempre travessia e sempre a mesma e sempre outra, em cada

uma! A travessia, cada uma, é a insistência ou a repetição de transcendência, enquanto e como a consistência da Vida, que, assim, sempre se refaz e se reconquista no jogo, na vadiação do mesmo – o ser e errar da e na Vida. E assim vai Riobaldo para a travessia de “O Liso do Sussuarão”. O mesmo “liso”, que barrou o grande Medeiro Vaz – “O rei dos Gerais” –, como que roendo-o por dentro, desde dentro. Mas Riobaldo vai atravessá-lo – e “sem preparativos nenhuns... Para que eu carecia de tantos embaraços?” (383). A meta é atravessá-lo para deparar-se com Hermógenes, no “Paredão”, onde acontecerá o grande combate final. É extraordinária a caracterização, a descrição de “O Liso do Sussuarão” – o grande raso. No nome já ressoa grandeza, ecoa imensidão – a grandeza, a imensidão do que “se emenda com si mesmo”. É a imensidão de um inóspito – uma imensa inospitalidade. “Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumiado, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros” (29).

O que é “O Liso do Sussuarão” e como atravessá-lo? O deserto – uma *categoria* da Vida. E há que atravessá-lo, isto é, agüentá-lo, suportá-lo. De novo, não “pensar”, mas agüentar, suportar!

O Liso do Sussuarão – o deserto. Cada um com o seu, cada qual tem o seu. Mas, o que é este deserto, em sendo, cada vez, o de cada um? É um tempo, uma hora de penúria, de dureza, de aridez, de esterilidade – a inospitalidade do deserto. Também indiferença, monotonia – o apelo e a sedução do lasso. É o tempo do espírito, do ânimo ser posto à prova. Aí, no meio do deserto, revela-se a *têmpera* de um homem. Na verdade, é aí que a vontade se revela e se fortalece. É no deserto, na hora do deserto, que se cunha, que se forja um caráter – faz-se es-

tigma. Ou, então, não suporta e sucumbe, decai e se faz fraqueza, astenia, abulia – des-ânimo. É, sim, uma travessia, ou seja, é o que se precisa atravessar para se chegar a um outro lado – quer dizer: a uma outra dimensão, a um outro “tônus” do próprio viver, do próprio existir.

O deserto – o liso, o áspero, o adverso, o hostil – é o que resiste e se opõe. Mas é isto que é preciso *com-querer*, em se querendo o que se quer. Por isso, no deserto, a vontade, isto é, a determinação ou a *têmpera* do existir, é posta à prova. Jamais se quer verdadeiramente o que se quer, se não se *com-quer* o que leva e possibilita (à) a consumação do nosso querer. É, por isso, um tempo de paciência, de espera contida – de resistência e de suportação no *meio* do caminho, que é sempre *todo e cada* caminho. Pois caminho é sempre só *meio* do caminho. Deserto é tempo de atravessamento e perpassamento do e pelo próprio caminho. É, então, neste deserto, que a vontade precisa se querer a si própria, é aí e assim que o ânimo precisa se sustentar – precisa se tornar autogerador, isto é, vir e crescer desde si. Portanto, fazer-se *alma*, *Vida* – “*Psyché*”. Para suportar e superar, para transpor o liso, o raso, é preciso a disposição e a coragem da paixão fria. No deserto o ânimo se faz gelado... para fora e incandescente... para dentro!

É ainda e principalmente o lugar e a hora que se é posto à prova, porque é também o lugar e a hora da tentação, do desvio, da sedução, quer dizer, justo na hora que mais se precisa querer, é também a hora da volta, do retorno do desânimo, do amolecimento do ânimo, do decair e fraquejar e se entregar e se abandonar ao fracasso, à fraqueza, ao sabor do deserto, da monotonia, da lassidão, do deixar-se arrastar e levar pela correnteza do inferno, do demônio – do espírito que sempre diz, que sempre sussurra: NÃO!! É o tempo em que o *sim* precisa suportar a *verrumação* do *não*.

É preciso ter coragem. Inteiriçar-se todo, quer dizer, concentrar-se em si, no próprio, e ser desde a decisão em favor do

próprio, para o próprio. O corajoso, que é o forte e o inteiriço, é aquele que quer no deserto, na aridez, ali onde a vida se recusa, portanto, aquele que quer quando tudo que se quer se nega, se recusa. É preciso ser marcado, estigmatizado pelo *sal* – o sal como têmpera e tempero e, por isso, *o tempo certo* da Terra, da Vida. “Águas não desmanchavam meu torrão de sal. Ah, nem não tive incerteza em mente” (384). Mais uma vez, não é tempo de “pensar”. Não é hora de hesitante mediação ou intermediação, mas agüentar, suportar – para atravessar, perpassar em escuta. Escuta e obediência – como no rio. O deserto é também rio e mar... Concentração, recolhimento no querer, na vontade, “em si”! Erra, vadia, pelo “mar”, pelo aberto do deserto e, assim, na busca que é este errar e vadiar, vai se constituindo essência – casa, lar, habitação, pátria. Do errar e no errar cresce e faz-se essencialização – a alegria e a graça do errar mesmo como o próprio lugar, a própria Terra. O sertão. É assim agüentando e suportando que se supera, se transpõe a si mesmo, pois, assim, vence-se o que puxa para trás e para baixo. Enfim, o que conspira para levar para fora e para longe em inapelável extravio de si. “... e tudo, o que não é o homem, é sua, dele, obediência? Isso, não pensei – mas meu coração pensava. Eu não era o do certo: eu era o da sina!... Assim fomos... A fortes braços de anjos sojigado... Rasgamos sertão. Só real” (383-384).

12. Em andança, errando, Riobaldo, já chefe do bando, recolheu, “apadrinhou” dois extraviados, dois deserddados, dois naufragos – dois órfãos. O menino Guirigó e o velho, cego, Borromeu. Na travessia, que é toda travessia, pois é a da Vida, eles são os *anjos*. Os mensageiros de sua sina – os balizadores, os norteadores de sua destinação, vale dizer: do seu sentido. Destino de rio-baldo, o sentido e a força, mesmo o poder da superabundância do inútil, o enviar-se e reenviar-se de nenhum lugar para nenhum lugar – e aí a casa, o lar, a Terra: o Sertão.

Guirigó – criança; Tirésias, digo, Borromeu – velho, cego. Inocência e cegueira. Não-saber. Ambos esquecimento, onde,

nas grandes travessias, nas grandes errâncias – nos grandes desertos – ecoa uma lembrança, uma recordação, uma grande memória, que se faz lugar de retorno. Lembrança do largado, do abandonado – da pobreza, da orfandade. A corrente plácida de Lethé, onde ecoa a lembrança de nada... de nada... de nenhum lugar... de nenhum lugar... A recordação, o eco desta pátria. Riobaldo toma estes dois naufragos e os “adota” e faz deles seus guias. Guirigó à sua esquerda; Borromeu, à direita. E em clima de farra, em hora de pândega: “Dada a mais caça ao menino Guirigó e ao cego Borromeu: para eles falam coisas diferentes do que certas, por em si desencontradas, diversas de tudo. Conselhos me davam?” (353). Mais do que nunca, eles são os da sina e não os do certo. O certo é a reclamação do seguro antecipado, a prévia reivindicação do auto-asseguramento. O certo, assim, por um lado, é covardia e, por outro, arrogância. Sina é acerto no desacerto; encontro no desencontro; é errar, vadiar. Sina é só a certeza do esmo e, *assim*, é escuta e obediência ao fazer-se e impor-se da voz de transcendência. É a certeza no risco. Sina, assim, é devoção, pobreza, humildade. (Borromeu) “Apontou com o dedo. Levei os olhos. Não vi nada. É assim, a esmo, que os cegos fazem. Aquele era o bom rumo do Norte” (337). A travessia, toda travessia, se faz “in hoc signo”: a “luz” de Borromeu e a “gravidade” de Guirigó. O signo, a sina – o Norte.

É porque já foi desde sempre decidido que eles são os guias e os “anjos” – Riobaldo só os “adota” porque já vê e já fala desde sua destinação própria, a saber, pobreza e orfandade sem vergonha – isto é, sempre já “sojigado a estes fortes braços”, por isso ainda e principalmente, é que Riobaldo, na travessia, é “o da sina”, quer dizer, o forjado e cunhado no pouco, no parco, mesmo no sem-sentido do sentido. Assim, na travessia, Riobaldo, a cada passo, em *cada* travessia, conquista e reconquista o que é porque sempre já foi – o que sempre será. Na travessia, no viver, ele parte desde o que já é e se lança, se joga (“jaguncea”) em busca do que será, porque é e precisa

ser. Sina, signo, cunhagem e marca do destino, da destinação de rio-baldo. Na travessia, “moendo no aspr’o”, ele só faz vir a ser o que é. Esta é sua, é toda estória, que é princípio de toda história – fazer-se de sina.

“Jagunço é o sertão. O senhor pergunte: quem foi que foi que foi o jagunço Riobaldo?” (236) “Riobaldo, Tatarana: É o é...” (161) “E o Urutú-Branco? Ah, esse... que era um pobre menino do destino...” (16).

13. “Riobaldo é algo assim como Raskolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa, e que entretanto precisa expiá-la”.

Vimos como Riobaldo, diferentemente de Raskolnikov, é sem culpa, isto é, como ele não é um *rebelado* contra a culpa, constitutiva de Vida – a Existência in-completa, im-perfeita, tendo nisso mesmo sua determinação essencial, *ou seja, sua completude e sua perfeição*. Ser no sentido, na destinação da Existência finita, que é ser na necessidade da ação de vir a ser o que pode e, então, o que precisa ser – ser assim é precisamente o sentido da Existência temporal do homem ou de ser na determinação do tempo. O tempo, na sua gênese ou na sua temporalização, é cadência, ritmo, pulso do movimento de vir a ser o que é. Fazer vida, que é, a cada passo de decisão ao encontro do destino, da sina, viver morte, que é viver, a cada passo, a iminência de deixar de ser o que é, caso não faça desde si o seu próprio viver. Sim, fazer vida, que é viver morte. Disso Riobaldo está “cheio”, “pleno” e o anuncia lapidariamente: “Tempo é a vida da morte: imperfeição” (445).

Acompanhamos Riobaldo, vendo como ele conquista e reconquista, a cada passo, o que ele próprio é, isto é, como ele vem a ser a necessidade do destino ou do envio de homem, de Vida – a destinação ou o fazer-se de pobreza e de orfandade sem vergonha. Nisto está encerrada a necessidade da ação inútil – a alegria da ação inútil e necessária. A ação, em cuja alegria, o mundo “dá pé”, tem fundo, se faz atravessável.

Então confirma e inscreve: “O vau do mundo é a alegria”. A pobreza, a orfandade, como a *justa medida* do existir. Por isso, o peso não é *sobre-peso*, a carga não é *sobre-carga*, mas medida justa, necessária – tal como se fosse fardo nenhum. É só o é! “Riobaldo, Tatarana! É o é...”

Voltemos agora à idéia de expiação, à idéia de “precisar expiar o sem culpa!” Para tanto, retomemos a afirmação, segundo a qual Riobaldo é inocente *na e da* culpa, e procuremos, enfim, esclarecê-la. Vida, Existência, vimos, é constitutivamente culpa – limite, finitude, *por-fazer*. *O instante, o súbito, o imediato põe Vida, Existência, como transcendência*. O acontecimento transcendente. Vida é o transcendente ou mesmo a transcendência enquanto tal. *A transcendência da Vida*, que é a própria transcendência da culpa, *me inocenta*, isto é, *inocenta o homem*. Aquele que (este “aquele” é todo e qualquer homem), através da Vida, da Existência, isto é, nela e tomado por ela (ela é o “pathos” originário, a experiência arcaica), se torna culpado é, na verdade, inocente, pois não é ele mesmo o responsável, o “autor” (causa), mas ele é tomado por uma força, por um poder estranho, a saber, a própria Vida, que a partir daí o de-fine, o determina. Eu, isto é, o homem, cada homem, sou e estou na culpa (= Vida = transcendência), mas, porque não sou a causa ou o responsável, sou i-rresponsável, inocente, ainda que irrevogavelmente nela – tomado, apropriado e “usado” por ela, a culpa. A Vida, a Existência, esta é culpada, mas eu – que tenho com isso?! – sou inocente.

Mas eu não posso não ser. Isto não é ou não está sob o meu querer, sob meu arbítrio. Eu, uma vez tomado pelo poder de transcendência, só posso ser sob ele, desde ele e com ele – quer dizer, não posso não viver, não posso não ser segundo o modo de ser de Vida, “sob” a consistência de existência. Por isso só cabe viver, ser, existir, *cumprir* – e é isto o expiar. O termo, a palavra “expiar”, impregnada de conotação ético-religiosa (bíblica!), é quase que cuidadosamente escolhida, justo

para, em fazendo uso desta conotação pregnante, falar da necessidade e da irrevogabilidade do viver, do existir, *jogado* no limite, na im-perfeição – “jagunçando”, “cachorrando por este sertão” (305). Riobaldo, o homem, necessariamente inocente, *precisa, só pode* cumprir, isto é, existir e assim realizar, a culpa, a imperfeição, a saber, a necessidade do poder-ser em que é e está jogado – isto é, ele só pode expiar a inocência na culpa.

Expiar quer dizer: remir ou redimir, pagando, *cumprindo* “pena”. Redimir, “redimere”, diz: resgatar, reaver, adquirir de novo ou readquirir. O que é que, vivendo, sendo, existindo, ou seja, cumprindo, é re-adquirido? A cada passo eu re-adquiro (repito!), isto é, re-conquisto minha inocência na culpa, re-adquiro esta minha situação (lugar ou determinação ontológica). E isto, que é na ação e como ação, é *cumprir*, que é completar o in-completo, per-fazer o por-fazer, subjugado ao poder, submetido à lei de transcendência.

A cada passo eu repito e readquiro *toda* a Existência, isto é, *todo* o modo de ser de Vida, que, a cada passo, se dá sempre todo e integralmente. Fazendo, ou vindo a ser, o que precisa ser, cumprindo a Existência desde e como ação necessária e inútil – assim, “onde” ou “quando” quer que eu morra, morrerei sempre “cheio”, “pleno”, “per-feito”. Perfeito, e assim cheio e pleno, do poder-ser que posso e que, então, preciso ser. Aí sou todo. Sou todo na pobreza, *no pouco do passo necessariamente dado*, realizado.

14. – Vais comer o pão com o suor da tua testa!

– Muito obrigado! Nunca ouvi nada mais divino. Foi feito, abriu-se o beco para a liberdade se fazer... No dentro do ferro de grandes prisões, a alegria de um pobre caminhozinho.

15. Enfim, por fim, depois de tudo isto: “Triste é a vida de jagunço – dirá o senhor. Ah, fico me rindo!” (301).

∞

Notas de referência

1. Ver *Ficção completa*, Aguillar, vol. I, p. 60.
2. Todas as referências a *Grande sertão: veredas* serão da 6ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
3. O grifo é meu.
4. *Terceira Margem do Rio*.